

Dar à luz: ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal

JOAQUIM, Teresa

Lisboa, Publicações D. Quixote, 1983, 243 p.

«Uma sociedade forma-se, depende destes momentos solitários — mesmo que acompanhados — da vida de uma mulher em que ela teme, deseja, sofre, chora, ri... esse ser que vai nascer, nasce e grita, se diz. Para sempre...»

Num «ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal» a autora, com o rigor da investigação histórica e etnológica, constrói um texto onde se anula a distância e a frieza das recolhas, das fichas, para ganhar uma dimensão poética fundamental para a compreensão desse momento frágil, de alegria e de drama em que a vida se funda ao vencer a morte.

Duma reflexão sobre o próprio espaço em que se constrói, o livro parte à descoberta do corpo da mulher, desse corpo onde algo nasce e que se renasce. Mas o nascimento insere-se no contexto do casamento — «é aí que se têm filhos» — e o investimento na reprodução é posto em destaque na abordagem dos rituais de fecundidade e do controlo exercido pela sociedade, quando se «ensina» a mulher, impondo ou proibindo.

Antes que nos sejam revelados os mistérios que envolvem o período de gravidez, são-nos dadas a ler «algumas notas sobre o corpo da mulher», onde é assegurado «pelo seu uso, o seu consumo, a sua circulação — a condição da possibilidade da socialidade e da cultura».

«O corpo social e o corpo da mulher devem funcionar ambos segundo o mesmo princípio de equilíbrio, o corpo social fundando-se no da mulher».

Na gravidez esse corpo é um corpo de medo e de desejos. Medo do desconhecido revelado nas práticas e no olhar que envolvem a mulher, desejos que não podem ser contrariados porque a sua (in)satisfação produz marcas, deixa sinais no corpo em formação que o corpo da mulher contém.

A gravidez serve também para preparar o Parto e o livro de Teresa Joaquim revela-nos neste capítulo todo o conjunto de práticas que envolvem o momento da passagem, da boa ou má hora, em que se acentua a distância entre a ciência que o explica, a certidão que o regista e toda a dimensão mágica e poética do «espanto de alguém vir ao mundo».

«Tão rápida a saída, esse corpo que sai em jacto, como um pássaro». Um pássaro que tem de aprender a voar, protegido das forças maléficas, do sobrenatural. O complexo de práticas e rituais que visam defender a criança num mundo que lhe é estranho é, especialmente, relevante depois do nascimento e a relação com a mãe e a sociedade evolui numa atmosfera rodeada de temor, de feitiços e de convicções religiosas. Disso nos dá conta este texto.

O banho que o purifica, a amamentação que se constitui numa relação de transição, o vestir que lhe «faz o corpo», o baptismo que lhe dá o nome e o torna um ser social, o andar e o falar e toda uma rede complexa de aprendizagens deixam-nos, neste livro, a ideia de que estes actos em torno da criança, se constituem no moldar do seu destino, no seu presságio.

«Um corpo se fez de choro e riso, de mãos e boca, de pés e palavras, de gosto de leite, mel e uvas; um corpo de odores e guizos de risos e choros. Um corpo a percorrer em pele e olhos, em mãos e ouvidos, em sons, em jogo, em fogo, em água — corpo que aí volta e sabe já aí ter vivido e esqueceu — e, no entanto, a pele recorda e diz que foram essas as sensações e esquece, e tenta de novo lembrar e aí voltar — nesse corpo também feito de recordação, da ausência e da volta a essa presença, de esquecimento e de memória, de sensações que temos a impressão de nunca ter vivido, mas das quais sentimos as marcas.»

Neste texto e a partir dele é bem possível que o nosso olhar se transforme...

João M. Bicker